

**O CORPO HUMANO E A GUERRA PELAS OBRAS DE KADER ATTIA E
ACHILLE MBEMBE**
[THE HUMAN BODY AND THE WAR FOR THE WORKS OF KADER ATTIA AND
ACHILLE MBEMBE ABSTRACT]

Rahfa Borges da Silva VITORIO

Com graduação em Filosofia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atualmente cursando o mestrado acadêmico em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
E-mail: rahfavitorio@gmail.com

José Martins de LIMA NETO

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Assistente do Curso de Filosofia da Universidade do Estado do Bahia (UNEB).

E-mail: jmneto@uneb.com

Resumo

O presente trabalho apresenta uma breve leitura estética da obra do artista contemporâneo franco-argelino Kader Attia, objetivando captar algumas ideias referentes à sua produção e possivelmente ao seu estilo próprio. Consecutivamente, discorre histórica e filosoficamente sobre o corpo humano no contexto da guerra, por meio do ensaio *Necropolítica* do filósofo Achille Mbembe. Por fim, contextualiza como o período histórico das Guerras do século XX e a questão do corpo humano influenciaram movimentos artísticos, além de procurar compreender como a arte no período pós II Guerra traz influências sobre a arte contemporânea, como na obra de Attia.

Palavras-chave

Arte, Necropolítica, Guerra, Corpo, Humano.

Abstract

This article presents a aesthetic reading of the work of the French-Algerian contemporary artist Kader Attia, aiming to capture some ideas regarding his production and possibly his own style. Consecutively, it discusses historically and philosophically about the human body in the context of war, through the essay *Necropolitics* by the philosopher Achille Mbembe. Finally, it contextualizes how the historical period of the 20th century Wars and the issue of the human body influenced artistic movements, in addition to seeking to understand how art in the post-WWII period has influences on contemporary art, as in Attia's work.

Keywords

Art, Necropolitics, War, Body, Human.



A ARTE VISUAL DE KADER ATTIA

Kader Attia é um artista visual e plástico, nascido na França em 1970, mas que viveu grande parte de sua vida na Argélia e nos subúrbios de seu país de origem. Filho de duas culturas diferentes – a africana e a europeia –, tem usado da sua experiência em mundos contrastantes para expressar ética e esteticamente suas ideias no mundo da arte.

A noção de “reparação”, por exemplo, tem sido central para a prática artística atual de Attia. Alguns críticos de arte assim descrevem o conceito da exposição *Irreparáveis Reparos*: “O conceito de reparo é entendido por ele como um processo de aperfeiçoamento e cicatrização, seja das instituições ou das tradições, dos sujeitos ou dos objetos; algo que pode estar ligado às perdas ou às feridas, à recuperação ou à reapropriação” (2021). Segundo o artista Pedro Barbáchano (2019), Kader Attia interessou-se pela ideia de reparação devido a suas inúmeras mudanças entre a Argélia e a França na juventude e quando se deparava com artefatos simbólicos da cultura africana que carregavam traços de remendos e reparos, muitas vezes incorporando a eles objetos da cultura ocidental.

A exposição de Attia que tem circulado pelo mundo atualmente é chamada de *Irreparáveis reparos*, cuja principal reflexão ocorre no período posterior ao do conflito – no que resta e na ausência – indicando através do vazio a antiga presença de algo. Pretende, então, apresentar signos que indiquem os efeitos devastadores das guerras, das políticas de morte e das fronteiras impostas entre os povos-nações. Apesar das criações de Attia terem sido concebidas no mundo pré-pandemia da Covid-19, a exposição tem chamado a atenção de curadores e apreciadores de arte ao redor do mundo, exatamente pelo conceito da exposição dialogar com os tempos difíceis que vivemos atualmente.

A poética de Attia está em trazer legados e símbolos do colonialismo e da tradição ocidental, ressignificando-os a uma proposta de antiviolença, anticolonialismo e resistência aos efeitos do poder destrutivo. Apresentando uma noção de reparo diferente da que compreende o Ocidente, ele não tenta retornar esses símbolos a um estado original, buscando nos objetos uma pretensa perfeição e estética idealizadas, mas de modo anticolonial, pretende transformar os materiais da modernidade ocidental em construções culturais próprias. Ao contrário do desejo de ruptura e apagamento da memória, Attia acredita que, pelos mesmos complexos processos históricos que vivenciamos, podemos contornar tais conflitos, criar as mudanças e reparar o que aparenta ser irreparável. Suas



obras trazem a história de grupos vulneráveis socialmente, como os povos colonizados do Terceiro Mundo; as pessoas de ascendência árabe como ele; as pessoas trans, em especial garotas de programa; os sobreviventes de guerra e as imagens que refletem as catástrofes ambientais, buscando causar no público uma dupla sensação de mal-estar e esperança.

A multiculturalidade da prática artística de Attia propõem uma mesma crítica aos processos de globalização, imperialismo e domínio neocolonial nas áreas mais pobres do mundo, como podemos notar nas esculturas reunidas na exposição *Irreparáveis reparos*:



Figura 1- Esculturas de Kader Attia expostas na mostra *Irreparáveis Reparos*. Foto: Gui Gomes (CYPRIANO, 2020).



Figura 2- “J'accuse”. Foto: Dih Lemos (KAS, 2020).



A imagem de corpos mutilados, a decomposição anatômica e a desfiguração humana caracterizam a obra artística de Attia como um movimento crítico das guerras e da violência. Suas obras, nesse quesito, provocam uma sensação parecida com a da arte moderna. Angustiante, fragmentada, dispersa, porém com um potencial de transcendência, recorrendo à memória, ancestralidade e resistência como modos de reparação. É perceptível como algumas esculturas possuem uma forma antiga, quase rupestre, sem fugir a uma estética contemporânea (herdada do modernismo), enquanto fotografias de antigos combatentes se confundem com as de negros escravizados nas colônias (Figura 1). As esculturas da instalação *J'accuse* (Figura 2), reúnem bustos de madeira que foram entalhados a partir de fotografias de veteranos da Primeira Guerra Mundial e que sofreram lesões faciais severas (cf. KAS, 2020).

Segundo o crítico de arte Fábio Cypriano (2020), os trabalhos de Attia costumam criar ambientes que fazem referência a uma situação pós-apocalíptica. Para ele, “a potência da obra do artista está em ser uma síntese de diversos problemas expostos de um mundo à beira do abismo”. Guerras culturais e territoriais, terror, fome e desastres ambientais são alguns dos fenômenos presentes na contemporaneidade e que refletem na criação artística de Kader Attia. É importante ressaltar que a noção de reparação se encontra presente no mal-estar dos símbolos, mesmo que *irreparável*, o reparo das catástrofes é um movimento de esperança na mudança desses processos traumáticos, como podemos perceber na escultura *Caos + Reparo = Universo*:



Figura 3- "*Caos + Reparo = Universo*", 2014, obra de Kader Attia em cartaz no Sesc Pompeia. Foto: Gui Gomes (CYPRIANO, 2020).

Em Kader Attia refletimos os excessos da humanidade como as guerras, os desastres ambientais, os conflitos culturais e sociais que atingem diretamente o ser humano. Ao retratar ou caracterizar corpos e rostos humanos fragmentados, decompostos, mutilados, através de esculturas emblemáticas e fotografias, seu objetivo é capturar a cicatriz que a humanidade tenta de alguma forma apagar. Capturar a memória de dor que o ser humano tenta esquecer, é transformar em cura as feridas e traumas causadas pelos efeitos devastadores da história recente.

Attia quer revelar o humano destruído pelas guerras e pelas políticas de morte e terror, mantendo sempre o sentimento de que é possível recuperação, reparação e resistência. Exatamente por captar uma profundidade intrínseca e dolorosamente humana que as obras de Attia foram escolhidas para ilustrar a publicação do ensaio *Necropolítica* (2016) do filósofo camaronês Achille Mbembe na revista *Arte & Ensaios*. A partir de uma leitura filosófica de Mbembe, a questão do corpo humano na guerra é melhor especificada, sendo possível estabelecer conexões com a arte de Kader Attia.

As imagens das criações artísticas de Attia, apresentadas a seguir, coadunam com os conceitos que mencionados anteriormente:



Figura 4- "Ghost", folhas de alumínio, moldes em tamanho real de corpos femininos, vista da instalação (COCHRAN, 2010)





Figura 5- “Repairing the Invisible”, visualização da instalação, SMAK. Foto: Dirk Pauwels (ART VIEWER, 2017)

A NECROPOLÍTICA DE ACHILLE MBEMBE

O que Achille Mbembe pretende por meio do conceito da necropolítica é analisar empírica e filosoficamente o conceito de biopoder, atrelado às noções de soberania (*imperium*) e estado de exceção, através de um exame crítico sobre as formas contemporâneas de guerra, resistência e terror.

O que concerne à guerra Mbembe (2016, p. 123-124) afirma “é tanto um meio de alcançar a soberania como uma forma de exercer o direito de matar”. Ele compreende a guerra por esses termos, de acordo à experiência contemporânea de conflitos recentes como a da questão Palestina, da Guerra do Golfo e de Kosovo, além de buscar na história do Holocausto Judeu no Estado Nazista, uma noção mais complexa de como seria o terror destrutivo ocasionado pela violência da soberania, onde estado de exceção, estado de sítio e racismo de Estado/biológico se confundem. No entanto, ao problematizar a guerra, é preciso mencionar o papel das zonas, ou campos, de morte.

Analisando o complexo dos campos de morte, Mbembe assegura que seus ocupantes são desprovidos de status político e reduzidos aos seus corpos biológicos. A preocupação central de Mbembe com o conceito da *necropolítica* é com “as formas de soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, mas a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (ibidem, p. 125). As formas de soberania, assim como os campos de morte constituem o *nomos* do espaço político que ainda vivemos.



Ao identificar o Estado Nazista, coadunando com Michel Foucault, como o mais completo exemplo de um Estado exercendo o direito de matar (cf. *ibidem*, p. 128). Mbembe relata como a experiência do Holocausto Judeu, que culminou no projeto da “solução final”, assim como a organização e exposição dos cidadãos à guerra no Estado Nazista, abriram caminhos para a consolidação do direito de matar. Contudo, Mbembe afirma que esse Estado – cujas premissas materiais de extermínio se sustentam no imaginário da soberania – só recuperou ou tecnologizou a violência que o imperialismo e colonialismo, por meio da escravidão nas fazendas e dominação de territórios, implicou aos povos africanos e indígenas. Ambas (ou múltiplas) experiências ocasionaram uma atmosfera de terror e calamidade para o mundo, argumentadas pelo Racismo de Estado, onde povos são categorizados como subespécie humana e corpos são assassinados em massa:

Mantidos abaixo do terror do sagrado se encontram a escavação constante de ossos desaparecidos; a permanente lembrança de um corpo rasgado em mil pedaços e irreconhecível; os limites, ou melhor, a impossibilidade de representação de um “crime absoluto”, uma morte inexplicável: o terror do Holocausto (*ibidem*, p. 136).

Entretanto, Mbembe não deixa de estabelecer uma correlação entre o projeto de Modernidade na Europa, expandido a todo o Ocidente, e a questão do terror. Para ele, em nenhum momento se manifestou tão claramente a fusão da razão com o terror, como durante a Revolução Francesa, assim como as concepções iluministas sobre “verdade e erro”, “real e simbólico” sustentaram e idealizaram as noções de dominação e emancipação. Antigos modos sacrificiais imputados aos corpos marginalizados foram reformulados e se tecnologizaram no mundo moderno: “É bem conhecida a longa procissão dos condenados pelas ruas antes da execução, o desfile de partes do corpo – ritual que se tornou uma característica-padrão de violência popular – e a exibição de uma cabeça cortada numa estaca” (*ibidem*, p. 129).

A espacialização do território colonial e neocolonial é ocupação de puro terror e desordem absoluta. Está regulada pela linguagem da força pura, da violência constante e dividida por compartimentos humanos. Entre o centro e a periferia, a necropolítica é vigorada em espaços ocupados por corpos vulneráveis socialmente. É possível vislumbrar esse mundo binário, dividido, mas nem sempre separado nas obras do artista Kader Attia. O imperialismo colonial é um conjunto estrutural que remete a injustiças contra a humanidade, mas que não conseguiu apagar completamente a memória dos povos colonizados, como é possível ver na instalação a seguir:

VITORIO, Rahfa Borges da Silva; LIMA NETO, José Martins de. O CORPO HUMANO E A GUERRA PELAS OBRAS DE KADER ATTIA E ACHILLE MBEMBE. p. 56-69.





Figura 6- “Sem título”, instalação de Kader Attia na exposição “Memory of Forgetfulness” (WAF, 2018).

As fotografias reunidas por Attia despertam a memória da humanidade atingida pelos efeitos do necropoder. O necropoder tem como função a destruição de corpos indisciplinados e que representam alguma espécie de perigo biológico à população. É uma formação específica do terror, pois almeja exterminar uma quantidade significativa de pessoas. Segundo Mbembe (cf. 2016, p. 136), a forma mais bem sucedida de necropoder atualmente tem sido a ocupação colonial contemporânea da Palestina por Israel, Estado criado para expiar os crimes dos europeus.

Examinando o funcionamento do necropoder pelo contexto da ocupação colonial tardo-moderna, Mbembe caracteriza as formas recentes e reconfiguradas de genocídio em massa, além de abordar esse contexto por via de análise às guerras contemporâneas.

O CORPO HUMANO NA NECROPOLÍTICA

É relevante destacar como Achille Mbembe, nas últimas seções de seu ensaio intitulado de *Necropolítica*, dá lugar ao contexto das guerras e como elas incidem violentamente sobre o corpo humano. Ao falar da emergência das “máquinas de guerra”, conceito extraído de Deleuze e Guattari, Mbembe especifica que elas são constituídas inicialmente por segmentos de homens armados, mas que se difundem e se tornam organizações polimorfos (cf. *ibidem*, p. 140). Além disso, o homem-bomba é outro

fenômeno que podemos analisar quando corpo humano e arma se difundem. Nessa questão, o corpo não é arma apenas em sentido metafórico, ele é, em sentido balístico, transformado na própria arma.

Nesse contexto, quando corpo humano e máquina se consubstanciam, trazendo à tona os efeitos destrutivos da guerra sobre a humanidade, é que essa ideia de humanidade é novamente questionada. Sacrifício, morte, terror e exceção são palavras chave para compreender os modos contemporâneos de instaurar a soberania do direito de matar. As maneiras de matar não são muito variadas. As zonas de exceção produzem massacres e normalizam corpos sem vida estendidos no chão, que rapidamente são reduzidos à condição de simples esqueletos. As humanidades questionadas, ou melhor, negadas, já não possuem mais o seu status político-jurídico, elas foram reduzidas à animalidade ou à condição de meros objetos. “Sua morfologia doravante os inscreve no registo de generalidade indiferenciada: simples relíquias de uma dor inexaurível, corporeidades vazias, sem sentido, formas estranhas mergulhadas em estupor cruel” (ibidem, p. 142).

Assim como a decomposição, a mutilação e a fragmentação dos corpos causam angústia e desconfiança na humanidade, o vazio dos ossos também está repleto de significados. Mbembe, ao relatar o caso do genocídio de Ruanda – em que um grande número de esqueletos foi preservado em estado visível, senão exumados – destaca a tensão entre a petrificação insensível dos ossos, de uma frieza estranha, por um lado, e por outro lado, seu desejo persistente de ter sentido, de significar algo. Algo de significativo rompe com a morfologia “original” humana ao pensar esse acontecimento, assim como o espetáculo mórbido da amputação física que substitui a morte imediata. A função desse método violento é manter viva aos olhos da vítima a destruição de sua integridade física e a sua configuração humana agora fragmentada.

A fragmentação e decomposição da figura humana, seja empírica, filosófica ou esteticamente, não são ideias extraídas apenas da atualidade. Tanto Attia, como Mbembe, são inspirados em suas obras pelos processos históricos modernos, das expressões contraculturais do século XX, assim como dos acontecimentos turbulentos que geriram a fase crítica em que eles estão inscritos. Para contextualizar essas afirmações, é necessário indicar como o período das guerras mundiais foram relevantes à produção artística e teórica.



CORPO FRAGMENTADO E O MOVIMENTO MODERNISTA

No capítulo “O corpo fragmentado” do livro *O corpo impossível: a decomposição da figura humana* (2020) de Eliane Robert Moraes, é possível aprofundar o tema do corpo humano capturado artisticamente dentro de uma leitura sobre o “espírito moderno”. Espírito esse profundamente abalado pelos efeitos da I Grande Guerra no início do século XX. O período turbulento para a Europa com a crise do humanismo e do realismo no Ocidente, trouxeram impactos sobre a política, moral e estética, ocasionando sentimentos de instabilidade e, ou desejos de transformação.

Diante de um conjunto problemático como a Grande Guerra e os estados totalitaristas, num mundo em pedaços e numa história que se tornou um amontoado de ruínas, só restava ao artista capturar os fragmentos e as instáveis sensações do presente, utilizando os termos de Walter Benjamin (cf. MORAES, 2020, p. 55). Em contrapartida, o modernismo se configurava como um movimento de transformação da consciência e da sensibilidade coletiva.

A respeito do modernismo, Moraes (cf. *ibidem*, p. 56) articula que dois grandes momentos marcaram o início do movimento e lhe deram força: o otimismo perante a guerra como solucionamento da crise e a sensação de vazio e fragilidade pós-guerra. A fragmentação do espírito moderno se configura como a consciência de um passado em ruínas e da instantaneidade do presente. Esse fenômeno ocasionou na fragmentação da consciência, que corresponde imediatamente a uma fragmentação do corpo humano, onde perseveram o caos e a sensação de integridade perdida.

A decomposição da integridade física toma um protagonismo na retratação das obras visuais dessa época. Segundo Moraes (cf. *ibidem*, p. 57), “fragmentar, dispersar, decompor: palavras que se encontram na base de qualquer definição do ‘espírito moderno’”. A arte moderna caracteriza o momento de caos e desordem a partir de formas fraturadas, decompostas, destruídas. É preciso destacar a instabilidade inerente a esses processos criativos, provocando no público sensações como vazio, fragilidade, angústia, esperança, otimismo e desconfiança perante a humanidade própria.

Por conseguinte, o corpo humano, no movimento artístico, se torna o primeiro alvo a ser atacado (cf. *ibidem*, p. 58). Sendo o corpo a unidade sensível mais imediata do



homem, ele vai ser destruído em sua integridade para melhor captar o sentimento de uma época. Os fragmentos da morfologia humana tornam-se uma obsessão para a literatura e as artes plásticas da estética modernista. Oferecer o corpo em pedaços, tanto literária como visualmente, corresponde à ideia de que ao destruir a forma humana, se desumaniza a arte (cf. *ibidem*).

A desumanização da arte consiste numa estilização, e estilizar é deformar o real; estilização implica em desumanização ou desrealização. Foi da estilização que as bonecas de Hans Bellmer (1902-1975) por exemplo, foram símbolo de oposição às ideologias totalitárias do fascismo e nazismo, além de representarem as dores e os efeitos devastadores das guerras e conflitos sócio-políticos e morais. Por meio da dissolução de uma figura humana, a representação do corpo fragmentado também passa ao corpo ausente, fazendo a anatomia moderna desconstruir/desfigurar por completo a forma humana (cf. *ibidem*, p. 68). Estabilidade, consistência e integridade se ausentam do processo artístico do movimento modernista, desse modo, possivelmente os artistas desejavam capturar mais de perto a fragilidade da constituição humana, o sentido do vazio nas ideias que geriram o Ocidente, além de denunciar a insensatez das guerras. Contudo, apesar de utilizar até aqui o modernismo como movimento único, ele foi muito além disso, foi um conjunto, um acontecimento histórico com diversas manifestações artísticas, marcado pelos períodos turbulentos das guerras.



A ARTE DO PÓS GUERRA

Movimentos caracterizados como modernistas (cubistas, dadaístas, surrealistas, futuristas, expressionistas e todos os outros movimentos de vanguarda do início do século XX) tinham algo em comum: acreditavam que a nova arte criada por eles, seria capaz de transformar o mundo e a humanidade. Com a experimentação de novos objetos, materiais e conceitos, ambicionavam caracterizar novos modos de representar o humano. Despojar a arte, negar o ponto de vista linear ou garantir excesso nas expressões eram alguns dos métodos utilizados pelos movimentos.

Distantes de alcançar uma representação idealizada, realista, mimética, os artistas passam a questionar a própria ideia de humanidade. Com um mundo à beira de um colapso, atingindo o ápice com a deflagração da Primeira Grande Guerra, o caminho percorrido pela

arte foi fragmentar o humano como meio de denunciar e refletir na civilização europeia o seu abismo e trevas. Segundo Mirian Tavares (2014), “A arte nasce da morte porque a humanidade desejava ser imortal e, através das imagens de si mesma, convertia o seu desejo em obras que perdurariam para além da sua frágil existência”.

A arte passa a gerar monstros. O pintor espanhol Francisco José de Goya y Lucientes, mais conhecido como “Goya, o turbulento”, afirmou que “o adormecer da razão gera monstros” (TAVARES, 2014). Acometido pela surdez aos 46 anos, o artista retratava em suas pinturas o horror da guerra, o interior das prisões e os asilos dos loucos, mas foi o contexto histórico de sua época – a inquisição na Espanha, a invasão napoleônica e a brutalidade e sofrimento causado pelas guerras no século XIX – (além de sua surdez) que marcou definitivamente o estilo de suas obras. Ele é um dos grandes artistas que foram influenciados em suas obras pelos efeitos destrutivos das guerras, além de ter inspirado a outros que sofreram com esses efeitos traumáticos como o pintor irlandês Francis Bacon e o esloveno Zoran Mušič, ambos do século XX.

O grotesco, o monstruoso e o abstrato são algumas das características dos artistas supracitados. Pintores como Bacon, que expressava uma visão pessimista e cruel da figura humana, e Mušič, que retratava a brutalidade e monstruosidade dos campos de concentração, são exemplos de como o ideário dos movimentos vanguardistas sobre a fragmentação e decomposição do corpo humano acompanhou alguns artistas. Não obstante, de acordo com Tavares, se a I Grande Guerra ainda foi corporificável, a II não tinha uma face visível, tal era o horror que suscitava. Movimentos como o Expressionismo Abstrato, por exemplo, são marcantes no primeiro grande momento da arte no pós-II Guerra: “Por meio da pintura ou do desenho, diversos artistas tentaram, se não reproduzir, refletir sobre o que aconteceu à humanidade finda duas guerras mundiais” (ibidem).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A não representação humana, ou melhor, o vazio de uma forma humana, anatômica, são marcantes durante o período pós-II Guerra Mundial, concernente à proposta de decomposição e fragmentação corpórea do período pós-I Guerra. É possível alinhar a ideia de não corporificação humana, durante essas épocas, a algumas das obras de Kader Attia que busca capturar e questionar a ideia de humanidade pelo conceito de “reparação”.



É importante presumir que Attia tenha se inspirado gradualmente – ao conceber algumas de suas obras – numa reflexão sobre a ausência de corpo, de alma, de figura e sobre um vazio existencial e material que as guerras ocasionam, assim como os artistas do pós-Guerra. No entanto, a reflexão proposta por sua arte tem efeitos singulares, porque além de estar numa época distinta, carrega outras simbologias, ativismos e características. Ele se inscreve como artista anticolonial e crítico, assim como o filósofo camaronês Achille Mbembe anteriormente, já trilhava a sua filosofia por esses acessos.

Attia se encontra inscrito na tradição de artistas que refletiram o seu tempo, de modo crítico, ético e estético. Ele se destaca como um dos mais promissores de sua geração. Não à toa, algumas de suas obras foram escolhidas para ilustrar o *Necropolítica* de Achille Mbembe, na edição da revista *Arte & Ensaios*.

Mbembe, utilizando de modo filosófico-crítico conceitos como soberania, biopoder e estado de exceção, reflete os tempos conflituosos atuais e da história recente, fazendo uma análise desses acontecimentos e como eles foram projetados para aplicar políticas de morte. Por meio dos estudos culturais e pós-coloniais, Mbembe e o tema da necropolítica são cada vez mais aplicados como ferramentas de diversas áreas do conhecimento.

O corpo humano, situado em contexto de guerra, foi o objeto de estudo desse artigo. Tanto a análise estética de Attia como a filosofia de Mbembe foram relevantes para o entendimento do lugar do corpo num cenário tão emblemático e que suscita diversas inspirações, sejam elas de ordem artística ou teórica. A dimensão simbólica da violência da guerra passa a ampliar a dimensão física, tornando o corpo o mais avançado maquinário de guerra e estabelecendo, em todas as esferas de vida possíveis, uma conjunção literalmente mortal para povos subalternizados. Essa violência, pela submissão, tem por elementos a espetacularização da violência e a despersonalização dos sujeitos. Os corpos, nesse cenário, perdem sua polissemia e se tornam mais descartáveis do que jamais foram.

REFERÊNCIAS

ARTE!BRASILEIROS. In: Kader Attia – Irreparáveis Reparos, no Sesc Pompeia. *Arte! Brasileiros*, 3 de mar. 2021. Página Divulgação. Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/arte/exposicoes/assista-ao-video-sobre-a-mostra-irreparaveis-reparos-kader-attia-no-sesc-pompeia/>>. Acesso em: 08 de jun. de 2021.

VITORIO, Rahfa Borges da Silva; LIMA NETO, José Martins de. O CORPO HUMANO E A GUERRA PELAS OBRAS DE KADER ATTIA E ACHILLE MBEMBE. p. 56-69.



ART VIEWER. In: Kader Attia at S.M.A.K. *Art Viewer*, 3 de jun. de 2017. Página de Divulgação. Disponível em: <<https://artviewer.org/kader-attia-at-s-m-a-k/>>. Acesso em: 16 de ago. de 2021.

BARBÁCHANO, Pedro J. Notes on liquid gold, scars and cultural exchange: an exploration of Kader Attia's *Open your eyes* (2010). *Pedro Barbáchano*, nov. de 2019. Blog Pessoal. Disponível em: <<https://pedrobarbachano.com/kader-attia/>>. Acesso em: 12 de jun. de 2021.

COCHRAN, Robert D. The space in between: a conversation with Kader Attia. *Sculpture*, 1 de janeiro de 2010. Página de Divulgação. Disponível em: <<https://sculpturemagazine.art/the-space-in-between-a-conversation-with-kader-attia/>>. Acesso em: 10 de jun. de 2021.

CYPRIANO, Fábio. Uma visita ao Sesc Pompeia em tempos de pandemia. *Arte! Brasileiros*, 21 de dez. 2020. Página Exposições. Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/arte/exposicoes/sesc-pompeia-pandemia-kader-attia-e-farsa/>>. Acesso em: 12 de jun. de 2021.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Tradução de Renata Santini. *Revista Arte e Ensaio*. Rio de Janeiro, n. 32, p. 122-151, 2016.

MORAES, Eliane Robert. Corpo fragmentado. In: *O corpo impossível: a decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille*. São Paulo: Iluminuras, p. 53-72, 2020.

KAS, Ligia. Mostra do artista franco-argelino Kader Attia chega ao Sesc Pompeia. *Site RG*, 19 de dez. de 2020. Página Cultura. Disponível em: <<https://siterg.uol.com.br/cultura/2020/12/19/mostra-do-artista-franco-argelino-kader-attia-chega-ao-sesc-pompeia-2/>>. Acesso em: 20 de jun. de 2021.

TAVARES, Mirian Nogueira. Arte no pós-II Guerra: O adormecer da razão gera monstros. *Wall Street International*, 22 de jun. de 2014. Página Arte. Disponível em: <<https://wsimag.com/pt/arte/9696-arte-no-pos-ii-guerra>>. Acesso em 16 de jun. de 2021.

WORLD ART FOUNDATIONS (WAF). Fondation Francés: Kader Attia "Memory of Forgetfulness". *World Art Foundations*, 15 de out. de 2018. Página de Divulgação. Disponível em: <<https://www.worldartfoundations.com/pt/fondation-frances-kader-attia-memory-forgetfulness/?v=19d3326f3137>>. Acesso em: 15 de jun. 2021



VITORIO, Rahfa Borges da Silva. O CORPO HUMANO E A GUERRA PELAS OBRAS DE KADER ATTIA E ACHILLE MBEMBE. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.17, N.2, 2020, p. 56-69.

Recebido: 09/2021
Aprovado: 10/2021

